

O ORIENTE: UMA GEOGRAFIA INSTÁVEL OU UM TÓPICO FLEXÍVEL?

Catarina Severino

Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

http://orcid.org/0000-0002-1070-3506

Introdução

O presente trabalho contribui para a história da participação portuguesa nos **Congressos Internacionais de Orientalistas** (CIO), que decorreram entre **1873 e 1973**, sobretudo em cidades universitárias europeias, fruto da disciplinarização dos Estudos Orientais e suas subáreas. Sistematizam-se e analisam-se aqui tão-só características formais dessa participação, de forma a dar conta da evolução do conceito de **Oriente** – seu entendimento enquanto categoria espacial, temporal e científica – e de grandes temas a ele associados, ajudando assim a mapear as preocupações epistemológicas da *intelligentsia* orientalista portuguesa deste período.

A participação portuguesa: análise formal

A participação nos CIO pode ser lida como um contributo para o que Vasconcelos Abreu definiu como “a soma dos conhecimentos linguísticos, etnológicos e históricos acerca dos povos, do Oriente, antigos e modernos” (1874, 9; atualizou-se a ortografia), ou seja, o **Orientalismo**.

De um total de 31 sessões¹, contabilizaram-se 29 orientalistas portugueses² inscritos com comunicações, registando-se, como expectável, um maior número de inscritos para o Congresso de Lisboa (Gráfico 1), de 1892. O arabista **David Lopes** sobressai com o maior número de participações em diferentes sessões: Lisboa, 1892; Paris, 1897; Argel, 1905.

Estes participantes podem, *grossa modo*, ser divididos em três comunidades com forte presença nos CIO: a **comunidade nacional** (a partir de Lisboa e Coimbra), a **comunidade da Índia Portuguesa** (com maior visibilidade até 1892) e a **comunidade de Macau** (que se destaca a partir de 1954).

Temporalidade empírica

O **Oriente** que os participantes portugueses revisitam com maior frequência corresponde ao **dos séculos XVI e XVII**, coincidente com o início da presença e da atividade portuguesas na Ásia. Por um lado, esta revisitação do passado decorre da necessidade de dar a conhecer as fontes produzidas por essa presença, essenciais ao desenvolvimento da disciplina de Estudos Orientais em Portugal. Por outro, trata-se de asseverar um conhecimento empírico do espaço oriental, de forma a legitimar a voz portuguesa como autoridade para falar sobre o Oriente.

Grandes temas

1. Estado da arte: os Estudos Orientais em Portugal

Se em 1873 (Fig. 1, coluna da esquerda) se mapeiam os Estudos Orientais em Portugal a partir de áreas linguísticas, dando conta de uma aceção essencialmente filológica deste tipo de Estudos, em 1928 (Fig. 1, coluna da direita) essa organização é orientada para subáreas disciplinares, que, no entanto, não conseguiram criar tradição no contexto científico português.

Figura 1. Mapeamento dos Estudos Orientais no CIO

Narciso da Silva,
I CIO (Paris, 1873)

- Língua do Japão
- Língua bengali
- Língua chinesa
- Língua hebraica
- Língua árabe
- Língua concani

Moisés Amzalak,
XVII CIO (Oxford, 1928)

- História do Oriente
- Estudos Árabes
- Estudos Hebraicos
- Estudos Assírios
- Estudos Etiópicos
- Estudos Indianos
- Estudos sobre o Ceilão
- Estudos Chineses
- Estudos Japoneses
- Estudos Egípcios

As línguas orientais que maior interesse despertaram coadunam-se com as que, por um lado, estão historicamente ligadas a espaços de construção de um projeto de Império Português – sobretudo o **Concani** – e, por outro, suscitaram maior estudo um pouco por toda a Europa oitocentista: **Sânscrito, Gêes, Árabe e Hebraico**. A par destas, os participantes portugueses versaram tanto as **transformações da língua portuguesa** por via do contacto com línguas orientais locais como a influência do Português nas línguas orientais.

2. Reconstituição da memória histórica:

revisitar figuras e fragmentos da História para celebrar a História de Portugal

Os **vestígios materiais da presença portuguesa** na Ásia são tematizados sobretudo no CIO de Lisboa (1892). Com o declínio dos estudos mais marcadamente filológicos a partir da primeira década do século XX (acentuado pelo desaparecimento das gerações que os fomentaram sem deixarem discípulos), o **discurso da História** – de revisitação de testemunhos e episódios – impõe-se a partir do CIO de Cambridge (1954), por via de historiadores que escrevem a partir de fora (Charles Boxer; George M. Moraes a partir de Mumbai; José Maria Braga a partir de Macau e de Camberra; Manuel Teixeira a partir de Macau).

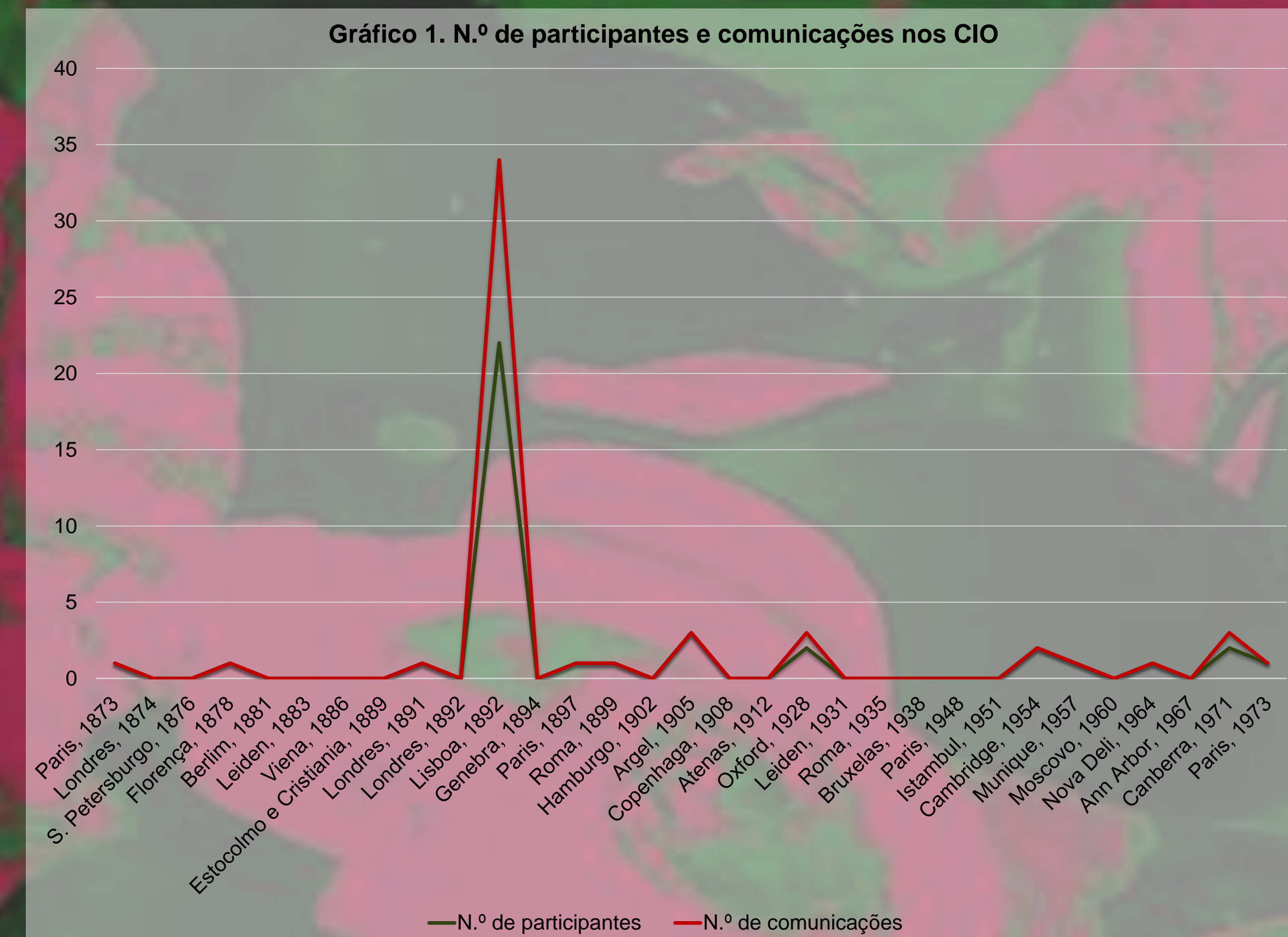
3. Construção de saber(es) sobre o Outro oriental

Privilegiaram-se, a partir de uma abordagem comparatista, as **práticas filológica** (como, por exemplo, nos casos de Vasconcelos Abreu, Esteves Pereira, David Lopes, Sebastião R. Dalgado, com a edição e tradução de textos da tradição literária, histórica e litúrgica, incluindo epigráficos e numismáticos), **etnolinguística** (a língua como expressão cultural) e, mais tarde, **antropológica** (física até ao final do século XIX, cultural a partir da década de 1950) e **historiográfica**. António de Almeida singulariza-se em 1957, no XIV CIO de Munique, como voz do discurso político-ideológico oficial da missão civilizadora de Portugal na Ásia.

Conclusões

O Oriente Português compreende uma multiplicidade de espaços entre o Norte de África e a Ásia Oriental, que, atentando na experiência portuguesa nestas geografias, tendem a ser estudados no que respeita aos séculos XVI e XVII. Os temas abordados nas contribuições para os CIO demonstram, além de uma preocupação em definir o estado da arte dos Estudos Orientais em Portugal, uma necessidade de revisitação da memória histórica, de revisão do discurso da História e de recuperação de fontes; trata-se de reivindicar um **pioneirismo português no conhecimento do Oriente** e, simultaneamente, de justificar a presença portuguesa nos Congressos Internacionais de Orientalistas. Se, num primeiro momento, os orientalistas portugueses constroem o Outro oriental a partir do conhecimento que dele adquiriram ao aprender as suas línguas (trata-se de conhecer a língua do Outro para o dominar melhor, ou seja, utilitarismo científico), mais tarde, fazem-no a partir de disciplinas como a antropologia, que o configuram como parte da nação portuguesa, ao serviço de um projeto colonial.

Os CIO permitiram, sem dúvida, multiplicar e atualizar discursos sobre a história da presença portuguesa em diversos Orientes, expondo um *corpus* científico que configura o Outro oriental como parte integrante da experiência portuguesa.



Os participantes surgem ligados aos CIO sobretudo por via institucional, com destaque para a **Sociedade de Geografia de Lisboa**, a **Real Associação dos Arquitetos Civis e Arqueólogos Portugueses** (com maior protagonismo entre 1873 e 1891), a **Academia das Ciências de Lisboa**, o **Curso Superior de Letras** (sobretudo entre 1873 e 1905) e, a partir do século XX, a **Escola Superior Colonial**.

De um total de 60 títulos apresentados aos CIO, conseguimos recolher³ 52, conforme a **Tabela 1**.

Tabela 1. Textos recolhidos

Em Português	Em Francês	Em Inglês	Manuscrito em Português (inédito)	Datiloscritos em Inglês (inéditos)	Resumos de comunicações cujos textos não foram publicados	Álbuns ofertados ao CIO Lisboa (1892)
23	13	8	1	2	3	2

O Oriente

Geografia instável?

“[O]rientalismo, um modo de relacionar-se com o Oriente que se baseia no lugar especial que o Oriente ocupa na experiência da Europa ocidental” (Said 2004, 1)

Do *corpus* compilado, excetuando 5 textos que se apresentam como estados da arte, a **Índia**, nomeadamente o espaço de **Goa**, é o que maior interesse suscitou junto dos participantes portugueses. Outras geografias integram também o conceito de Oriente: Marrocos, Macau, China, Japão, Timor.

Testemunhos de viagens de travessia ou expansão com vista ao estabelecimento de uma rota marítima de ligação entre Portugal e a Ásia têm também o seu lugar nas sessões do CIO, relevando a passagem portuguesa por África (os textos de Luciano Cordeiro são os testemunhos mais evidentes).

Referências

- Abreu, G. de Vasconcelos. 1874. *Exposição feita perante os membros da Comissão Nacional Portuguesa do Congresso Internacional dos Orientalistas convocados para constituírem uma Associação promotora dos estudos orientais e glotticos em Portugal*. Lisboa: Typographia Luso-Britannica de W. T. Wood.
- Almeida, A. 1957. Arts et métiers du Timor [resumo]. In *Akten des Vierundzwanzigsten Internationalen Orientalisten-Kongresses München*. Wiesbaden: Deutsche Morgenländische Gesellschaft, 698-700.
- Amzalak, M. B. 1928. *The Oriental Studies in Portugal. Address presented at the general meeting of the XVIIth International Congress of Orientalists*. Lisbon: [s.n.].
- Boxer, C. 1954. Diogo do Couto's Unpublished Account of Angkor [resumo]. In *Proceedings of the Twenty Third International Congress of Orientalists*. London: RAS, 264.
- Braga, J. M. 1970. Father Thomas Pereira, S. J.: A Hero of the Christian Missions in China; Ásia Extrema, by Father Antonio Gouveia. *Braga Collection*. Series 10, File 11, National Library of Australia.
- ICO. 1966. List of papers. In *Proceedings of the Twenty-Sixth International Congress of Orientalists*, vol. 1. New Delhi: Sree Saraswaty Press Limited, 112.
- Pinto, M. P. 2017. Mapping Portuguese Orientalism: The International Congresses of Orientalists (1873-1973). Introduction to a Research Project. In *O Oriente em Tradução: línguas, literaturas e culturas asiáticas no espaço luso*. Org. Catarina Nunes de Almeida e Marta Pacheco Pinto. V.N. Famalicão: Húmus, 167-198.
- Rabault-Fuerhahn, P. 2012. “Le grandes assises de l’orientalism”. La question interculturelle dans les congrès internationaux des orientalistes (1873-1973). *Revue germanique internationale* 12: 47-67.
- _____. 2012. “La science la robe au vent”. Le congrès international des orientalistes et la disciplinarisation des études orientales. *Dossiers d’HEL* 5: 1-16, <http://dossierhel.hypotheses.org/dossiers-hel-n-5-la-disciplinarisation-des-savoirs-linguistiques-histoire-et-epistemologie> (consultado a 8 de junho de 2018).
- Said, E. W. 2004. *Orientalismo. Representações ocidentais do Oriente*. Trad. Pedro Serra. Lisboa: Cotovia.
- Silva, J. P. Narciso da. 1876. Les études orientales chez les Portugais. In *Mémoires du Congrès International des Orientalistes. 1^{re} session – Paris – 1873*, vol. 2. Paris: Maisonneuve et Cie, 464-471.
- Teixeira, M. 1971. Luís de Almeida, S.J.: Surgeon, Merchant and Missionary in Japan. *Boletim do Instituto Luís de Camões* 5 (1-2): 121-138.
- Teixeira, M. 1976. The Japanese in Macau in the 16th and 17th centuries. In *Japan: actes du XXIXe Congrès International des Orientalistes*, vol. 2. Org. H. Rotermand. Paris: L’Asiathèque, 153-160.

O projeto TECOP

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação *Textos e Contextos do Orientalismo Português – Congressos Internacionais de Orientalistas (1873-1973)* (PTDC/CPC-CMP/0398/2014). Este projeto estuda a participação portuguesa nestes congressos, propondo-se reconstituir as redes interpessoais, culturais e científicas formadas pelos orientalistas portugueses, através dessa participação e das sociedades científicas que os apoiaram, bem como traçar a genealogia dos Estudos Orientais em Portugal por via dessa participação.

- Entre 1873 e 1973, organizaram-se 30 sessões, a que acresce a sessão planeada para Lisboa, em 1892, mas desconhecida de véspera e, por isso, normalmente omitida da história destes congressos (por exemplo, Rabault-Fuerhahn 2010, 2012). Tal não impediu, porém, a publicação dos textos preparados para a sessão, que foram impressos às expensas do Estado Português e constituem a maior parte do *corpus* de trabalho.
- Designam-se por orientalistas os participantes nos CIO. O termo é utilizado em sentido lato, com base num critério tridimensional: nacionalidade, afiliação (participação ativa em instituições portuguesas, servindo como seus representantes) e sociabilidade intelectual (quando integram as redes culturais, académicas e/ou intelectuais portuguesas) (Pinto 2017, 178).
- Para a compilação dos textos, consultaram-se as atas resultantes dos CIO e cruzou-se a pesquisa bibliográfica feita em catálogos (impressos e digitais), bibliotecas e arquivos, tanto nacionais como internacionais.